

“Não vou admitir política partidária”

Ele tem mais tempo nas delegacias do que fora. Escalado pelo governador Agnelo Queiroz para assumir o comando da Polícia Civil, o delegado Onofre de Moraes, 55 anos, assume a direção com a meta de fazer uma grande reestruturação. Amigo do chefe de gabinete de Agnelo, o policial civil aposentado Cláudio Monteiro, Onofre está há 34 anos na carreira. Ele diz que assumirá a direção para deixar a corporação mais “operacional” e acabar com as “investigações pirotécnicas”.

Há meses se fala que o senhor assumiria o comando da Polícia Civil do DF. Na verdade, desde a fase de transição do atual governo...

As coisas acontecem no tempo certo.

Quando o senhor recebeu o convite do governador Agnelo Queiroz?

Ontem (terça-feira) à noite.

Qual foi o recado dele?

Ele quer uma polícia de Estado, sem partidarismo. Quero

deixá-la menos burocrática e mais operacional.

Então haverá muitas mudanças?

Sim. Precisamos designar delegados com o perfil correto para cada função.

Haverá mudanças no Depate, área voltada a investigações complexas, que envolvem administração pública e combate ao crime organizado?

Sim. É minha intenção deixar a polícia mais operacional. Não quero pirotecnia. As investigações devem ocorrer, mas não quero operações pirotécnicas.

Para o leigo: o que significa deixar a polícia mais operacional?

O papel pode esperar. Uma investigação, não.

Quais são as suas prioridades?

O combate ao tráfico de drogas, especialmente ao crack, que considero um veneno, aos sequestros relâmpagos e aos homicídios, que têm crescido muito. Faremos um reforço no combate a esses crimes. Vamos fortalecer as delegacias circunscrições.

Quando o senhor fala de pirotecnia se refere a quê? Divulgação do resultado das operações?

Não é isso. A imprensa precisa saber e divulgar o trabalho da polícia. Mas há um exagero na forma como está sendo feito.

Há fortes indícios de que houve vazamentos em operações policiais.

O senhor se preocupa com isso?

Claro. Isso é quebra de lealdade. Tudo o que for errado será investigado. Quero uma Corregedoria forte, que assuma toda a parte disciplinar. Hoje isso é feito nas delegacias. Engessa as delegacias. Sou a favor da hierarquia nas delegacias, mas o que importa é a competência, a ética e o trabalho.

Certamente o senhor vai colocar em cargos de destaque as pessoas em quem o senhor confia...

Claro. Mas o melhor padrinho hoje se chama trabalho, competência.

O senhor é um grande amigo do Cláudio Monteiro, certo?

Ele é meu amigo. Confia na minha capacidade de administração e de trabalho. Mas não vou administrar com os amigos. Não se administra com os amigos. Temos uma amizade extrapolicia com ele. E assim vai continuar.

O senhor tem uma amizade extrapolicia também com o Alirio Neto?

Tenho, de muitos anos. Ele foi meu agente.

O senhor foi chefe dele?

Fui. Dele e do ex-secretário de Segurança Valmir Lemos, que hoje está na Polícia Federal.

O senhor conhece bem a Polícia Civil. Não acha que as coisas estão muito conturbadas?

Sim. Mas agora a única política que teremos é a de segurança pública. Não vou admitir política partidária. A polícia é para todos, sem preferência de A, B ou C.

Na gestão da Mailine, a polícia vinha agindo assim?

Não vou entrar em detalhes sobre outras gestões.

O senhor tem boa relação com os deputados da base de segurança?

Boa relação. Eles sabem do meu profissionalismo. Nunca pedi cargo a ninguém. Já deixei de ser diretor-geral três vezes em outras situações. Preferi não ser. Não quero apenas pelo cargo, gratificação e pela fotografia. Vou fazer. Prefiro errar fazendo, mas fazer e ser inovador. Trabalhar com autonomia.

As operações contra políticos vão continuar?

Claro. Quem errar tem que pagar pelo erro.

Mesmo que envolva alguém do PT e do PMDB, partidos hegemônicos no governo?

Pode ser quem for. Não podemos ter preferência. Se eu não tiver autonomia, não posso e não vou comandar a polícia.

A greve é um motivo de preocupação?

Sim. Temos que conversar, dialogar, atender. Vou estar diretor, mas sou delegado. E não vou me modificar. Sou o que sou e não vou mudar por causa de um cargo de comando.